

O Budismo, o Cristianismo e a Reencarnação

Arthur Shaker

Pergunta - Poderíamos dizer que a linha divisória entre o Cristianismo e o Budismo é que o Cristianismo descartou da verdade da reencarnação?

Resposta - Não. A hipótese reencarnacionista apresenta uma série de equívocos que necessitam ser esclarecidos e refutados. Sobre isso, há bons textos de autores tradicionais (1). Não é que o Cristianismo descartou a reencarnação, pois nunca houve esta ideia, suposição nem base para esta interpretação no Cristianismo, e sim que houve no Ocidente uma apropriação confusa sobre o que supõe-se que estaria nas Tradições orientais como “a verdade da reencarnação”. Vejamos seus supostos.

O reencarnacionismo baseia-se na suposição de que o indivíduo é uma realidade permanente que passa por diferentes corpos, à semelhança de alguém que se mantendo o mesmo, muda de casa em casa até chegar à perfeição divina. O indivíduo continuaria sendo o mesmo indivíduo na outra encarnação, apenas mudando de rosto e contexto. Esta ideia de que a individualidade é uma coisa fixa, que iria buscando novas roupagens em seu caminho de aperfeiçoamento está fortemente influenciada por uma interpretação criada na Europa do séc. XIX, por sua vez influenciada por outra suposição também aí criada, a do Evolucionismo (2).

O evolucionismo pressupõe que “a vida” teria brotado das formas mais simples, e por um processo que se denominou de “seleção natural”, estas formas vieram se metamorfoseando em formas mais complexas. A ameba evolui para uma planta, daí para um animal, que evolui até o homem, que iria evoluindo até encontrar a Deus. Influenciado por ideias darwinistas e positivistas do progresso, sob uma visão linear do tempo, criou-se este suposto da reencarnação. Parece bastante cômodo, esperançoso e pode até justificar o caos atual como uma “etapa do progresso”.

No corpo doutrinal das Tradições, não vamos encontrar nenhum fundamento para esta ideia de “um mesmo” que evolui. Esta visão de um sujeito, que é o mesmo, mudando de corpo em corpo, é totalmente oposta aos ensinamentos orientais. Para o Hinduísmo e o Budismo, que são as Tradições orientais que o reencarnacionismo toma como supostas fontes, as individualidades são agregados impermanentes de corpo, sensações, percepções, pensamentos e consciência, que o Budismo chama de **khandhas**. Sendo impermanentes, o que é que poderia passar de uma reencarnação para a outra?

As doutrinas tradicionais referem-se aos ciclos de renascimento, segundo diversos reinos existenciais ou **samsara**. O Budismo divide a existência segundo três mundos: celestial (dos devas e asuras), nosso mundo (seres humanos e os outros reinos) e o mundo infernal (os fantasmas atormentados ou pretas e os estados infernais). No Cristianismo temos as nove

hierarquias angélicas (estados superiores do Ser), o mundo terrestre e os reinos infernais (estados inferiores). Todos esses planos de existência, regidos pela lei do **dharma** e **karma**, são condicionados, fenomênicos e impermanentes.

Se há um ressurgimento por esses estados múltiplos, é preciso esclarecer desde início que não é a individualidade que o faz. Sobre isso, há no Budismo um importante diálogo, quando o rei Milinda pergunta ao mestre budista Nagarjuna sobre a continuidade no pós-morte. Nagarjuna responde-lhe com o exemplo da chama que passa de uma vela para outra. A chama que passa, é a mesma ou é outra? A manga que nasce da árvore plantada da semente de uma manga, é a mesma ou é outra? Não podemos dizer que a chama (ou a árvore ou a manga que da árvore nasce) seja diferente nem a mesma. Há continuidade (da chama), mas sem identidade.

Continuidade sem identidade. Devido à complexidade desta compreensão, muitos monges evitam comentar este tema com leigos recém-ingressos. Este é um tema de profunda meditação metafísica, que foi vulgarizado a título de reencarnação, que seria uma simplificação grosseira da visão metafísica sobre o renascimento e que serviria de simulacro de entendimento para mentes preguiçosas. Já nos referimos como a distorção de temas de elevado teor metafísico tradicional serviram para a construção de correntes que se pretendem “popularizar” o conhecimento das Tradições.

Continuidade sem identidade. Muito vezes o reencarnacionismo pretende se apoiar na concepção hindu de Atma como o Si, o Self, confundida com o agregado psíquico, o Ego que reencarna. Incorre-se no erro de considerar o ego uma entidade permanente. Haveria uma segunda questão, se seria possível a repetição da mesma experiência corporal, ainda que não fosse a mesma entidade da individualidade egóica que reaparecesse no mundo terrestre. Este parece ser o ponto que marca certa divergência mesmo entre autores tradicionais orientais hindus e budistas. Aqueles que sustentam a impossibilidade do renascimento no mundo corporal, como é o caso de autores como René Guénon, tomam por fundamento a lei da passagem única do ser por um mesmo estado (3), segundo a Lei da Possibilidade Universal, que não admite repetição. Quanto à interpretação moderna de reaparecimento em outros planetas ou “planos astrais”, são ideias e termos alheios às doutrinas tradicionais de modo geral.

Um dos argumentos usados pelos reencarnacionistas, agora provindo não das doutrinas orientais, mas supostamente do Cristianismo, seria a passagem do Novo Testamento em que Cristo refere-se à necessidade de “nascermos de novo”. Quando Cristo fala que devemos entrar no reino do céu como crianças, ou nus, ou como mendigos, está se referindo ao imperativo de despirmo-nos de nossa individualidade, véu útil até certo ponto, teia de aranha que emaranha a partir de certo ponto. Tendo nascidos para o corpo, temos agora de re-nascer para o Espírito. Renascer no sentido inicial de regeneração psíquica, compreensão profunda das tendências psíquicas geradas pela ignorância e apego, e recondução das forças psíquicas para o centro do estado humano - a condição primordial do Paraíso terrestre, através do apoio da

influência espiritual (oferecido pela Graça do batismo, no caso do Cristianismo), para desta condição central galgar os estados superiores até a libertação final. Cristo fala em renascer e não em re-encarnar. Renascimento é muito outra coisa do que a interpretação reencarnacionista sobre esse ensinamento de Cristo.

Só pode "entrar no Céu" o que é do Céu (se quisermos aproximar esta noção, em sua última instância, com a noção budista do Incondicionado). O corpo e o mundo psíquico, sendo agregados condicionados, não podem entrar no Céu, nem podem reencarnar. O que renasce (reaparece) no mundo samsárico são as tendências psíquicas, os **sankharas**. Mas estas tendências psíquicas não têm individualidade. Do ponto de vista da consciência, a hipótese reencarnacionista fortalece e revela o apego de nosso ego que quer se perpetuar. Com a desintegração do corpo, o agregado psíquico também se desagregará, assim não existirá mais um ego. As tendências kármicas impulsionam o renascimento com novos agregados (corpo, sensação, percepção, formações mentais e consciência).

Outro argumento de "prova do reencarnacionismo" seria o reconhecimento que às vezes é feito sobre lugares familiares. Aqui mais uma vez coloca-se a questão científica de como um fato pode ser considerado prova de uma construção teórica. O tão propalado "caráter científico" de uma teoria pode ser apenas um modo equivocado de ligar fatos e fenômenos a interpretações.

Certas doutrinas tradicionais ensinam que quando um indivíduo morre, com a desagregação de seu psiquismo, muitos resíduos psíquicos (**ob**, na terminologia da tradição judaica) podem passar para outra pessoa, o que explica o fenômeno do reconhecimento sem a decorrência da hipótese da reencarnação. O mesmo processo pode ocorrer em membros da mesma família, que ao nascer recebem estes resíduos do parente falecido, ou mesmo de hereditariedade de traços psíquicos familiares. O mesmo processo de transferência se dá nos casos de "sugestão". E são exatamente esses mesmos resíduos psíquicos, que os ritos tradicionais funerários procuram dissolver, é que são atraídos pelos chamados "mediuns", acreditando ser a "comunicação com os mortos", o que evidencia o quão ingênuas e equivocadas são estas práticas decorrentes de uma visão incorreta, à qual se soma os terríveis perigos a que estão submetidos ao atraírem essas forças errantes, servindo muitas vezes inconscientemente ao jogo de tendências tenebrosas, disfarçadas de "espirituais".

Alguém comenta que no Budismo Tibetano os Lamas se referem a si mesmos muitas vezes como encarnações de outros Lamas. Talvez os tibetanos não tenham clareza sobre as consequências do uso deste termo no Ocidente, aumentando com isso a confusão e criando uma pseudo-identidade entre o Budismo Tibetano e estas organizações reencarnacionistas ocidentais. Talvez melhor entender que o que existiria seria uma influência espiritual que perpassa estes Lamas. Esta influência espiritual, como a chama da vela, se repõe no mundo como Compaixão, sem que possamos dizer que um Dalai Lama seja reencarnação, enquanto individualidade, do Dalai Lama anterior. É o

Dharma que se repõe para benefício dos seres. Como individualidades não há substância que se repita. O mesmo poderíamos dizer de Siddharta Gautama. A individualidade de Shakyamuni não é o tema de veneração dos budistas, mas sim o **Dhamma** (Dharma), que o Buddha Shakyamuni vai novamente realizar, é para este Dharma, a Verdade, que os budistas prestam homenagens. Quando estávamos no mosteiro de Suan Mokkh, na Tailândia, por ocasião do Vesak, data que o Budismo Theravada comemora a Iluminação de Buddha, ouvimos Buddhadasa Bikkhu, que era o preceptor espiritual deste mosteiro, dizer em seu sermão a todos, monges e leigos tailandeses e ocidentais, de modo bem claro e ao estilo Zen: “Todo ano vocês vêm aqui pedir-me bênçãos. O que vocês fazem com tanta benção? Penduram no cabide e guardam no armário? Vocês devem buscar o Dhamma, o Buddha-Dhamma que está dentro de vocês”.

O reencarnacionismo, conscientemente ou não, se alimenta e realimenta a ideologia do “progresso” e da “tendência de aperfeiçoamento da Natureza”. Esta hipótese da tendência linear ascendente de “progresso” e “aperfeiçoamento” é oposta à visão das grandes religiões, que ensinam sobre o caráter cíclico do tempo e da manifestação, e a tendência descendente, “materializante” e descendente do Cosmos. Se o Mundo caminhasse “naturalmente” para o alto, os Buddhas não precisariam surgir no mundo e ensinar o Dhamma, ou Cristo não precisaria ter vindo nem teria sido crucificado. Esta hipótese “progressista” termina também por justificar socialmente a agressão aos povos rotulados pelo mundo moderno como “primitivos, atrasados, tradicionais”. Assim como a civilização moderna, por seus esforços, teria evoluído até alcançar este degrau invejável, que impõe por sedução e força a todos os povos, cada homem poderia “evoluir” até chegar a Deus.

Dentre as correntes reencarnacionistas, há até aquelas que consideram que mesmo Deus evolui. Fantástica esta ideia, pois se Deus evoluísse não seria Deus, pois existiria algo melhor que Ele a ser atingido e assim indefinidamente. O Princípio Supremo que não é Supremo, sempre a lhe faltar algo! Há até aquelas que afirmam estarmos na “metade do tempo da eternidade” (sic); que nós teríamos chegado até esta metade da eternidade, a outra metade da eternidade seria para que o próprio Deus se completasse! O Princípio Supremo que evolui, a metade do tempo da eternidade, é fantástica a total ignorância sobre princípios básicos da Metafísica!

Crer que o caminho espiritual é uma espécie de progresso, que pouco a pouco se vai chegando “perto de Deus”, ou da Iluminação libertadora, é incorrer no mesmo erro de colocar na mesma linha o mundo e a Transcendência, o tempo (ou outro modo de duração) e a Eternidade. Do ponto de vista de uma progressão matemática, nunca se chegará, pois sempre haverá uma lacuna, uma descontinuidade entre o imperfeito e o Perfeito. Pois não há medida entre a Manifestação e o Absoluto. Nunca se passará da imperfeição para a Perfeição por um processo progressivo, só através da iluminação, instantânea, um salto. Usando o simbolismo matemático, a operação não seria a diferencial, que fosse diminuindo as distâncias, mas a integral (4), o salto, o súbito, o repente.

Pouco a pouco não se passa linearmente do plano condicionado ao Absoluto, pois entre o Absoluto e o relativo não há nenhuma medida ou passagem de continuidade. O equívoco da visão “progressiva” é querer projetar sobre o Incondicionado os parâmetros de espaço, tempo, e, portanto, distância, que definem o condicionado e, rebaixando o Absoluto à imagem de um ponto na mesma linha de nosso mundo, crer que a distância irá quantitativamente diminuindo até chegarmos lá. Erro de matemática elementar, e mostra o quanto o ensino da matemática perdeu as bases metafísicas do que constitui a matemática tradicional.

O mesmo equívoco se aplica à ideia de que, de reencarnação em reencarnação, aperfeiçoando-se pouco a pouco se chega ao Deus. Pouco a pouco sempre faltará um pouco. Quando no Budismo, assim como em outras Tradições, se diz que devemos avançar “pouco a pouco”, é no sentido de incentivar no praticante a paciência diante dos incontáveis obstáculos, e porque a integração dos ensinamentos e dos estados de absorção realizados (**jhanas**) demanda uma operação assimilativa e não no sentido de que estados do ser estejam em uma linha evolutiva (que estaria, portanto, subordinada às condições de espaço e tempo) a ser percorrida pela individualidade. Por isso se fala em iluminação, porque é instantânea. É um raio, uma integração, não um progresso.

A realização espiritual pode se dar a partir de qualquer estado. Mas porque esperar ou projetar para um futuro, desconhecido e de novos sofrimentos, a realização que deve ser aqui e agora? Não é inclusive mais econômico? Hoje em dia se faz o culto do “homem econômico”, “da produção”, mas quando se trata de realização espiritual não aplicam o senso de economia, mas a querem em longas prestações, como um carnê que por incontáveis ciclos se vai comprando com boas ações. Não seria melhor a Felicidade já, como quem compra à vista, não tendo mais dívida, nem com o que se preocupar? Pois quem garante que o novo renascimento não será em um estado pior que este humano?

É claro que existe um desenvolvimento interior, obtido segundo as orientações próprias de cada Tradição. No caso do Budismo consiste na observação e abandono dos apegos e visões errôneas com que identificamos os cinco agregados do corpo, sensação, percepção, formações mentais como “Isto sou eu, isto é meu, isto é meu eu” . A superação destas delusões, que estão enraizadas na ignorância, se dá através da prática do Nobre Óctuplo Caminho: visão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, plena atenção correta e concentração correta.

Estando no Caminho, e não há caminho fora de uma Tradição, nunca se sabe em que momento vai se dar o salto, por isso o melhor é trabalhar firme. Diz um sutra budista: “Louvemos aquele que vive verdadeiramente (empenha-se sem preguiça por todo o dia e a noite), mesmo que por uma única noite”. Trabalhemos sem cessar contra a ignorância sobre o que é nossa verdadeira natureza. O sábio hindu Ramana Maharshi fazia do centro de sua prática a ininterrupta pergunta básica: “**Ko’ ham**, Quem sou eu?”

A substituição desta indagação central por uma crença no “progresso espiritual” do “eu” é apenas mais um truque do Ego, que ameaçado de ser desmascarado e perder o trono da ilusão, finge aceitar a sua pequenez, o “pequeno Eu, o Eu inferior”, e despindo-se da roupa pomposa, veste os humildes trajes do asceta e prossegue alimentando o seu orgulho agora sob a bandeira do “progresso espiritual” rumo ao “Eu superior”. Essa engenhosa manobra foi bem analisada no livro “Materialismo Espiritual”, do mestre tibetano Chogyam Trungpa. O uso de drogas, a título de propiciar “o acesso às luzes espirituais”, refere-se a este mesmo tipo de ilusão do Ego “evoluindo espiritualmente” por estados alterados de consciência. A baixa qualidade intelectual no discernimento do que seja uma doutrina e prática tradicional é um dado característico dos pseudo-caminhos, e por isso são de fácil ingresso. Quando um cego conduz outro cego, os dois caem no buraco.

Não se trata de negar a ideia de Caminho, nem que ele possa ser mais ou menos árduo ou longo conforme as qualidades e empenho de cada um. A crítica é para esta ideia da individualidade que permanece e vai crescendo e se espiritualizando. Todos os agregados, incluindo a consciência, estão a todo segundo nascendo e morrendo. A cada instante a consciência nasce, quando do contato com os objetos mentais ou corporais, a cada instante a consciência morre.

Nas palavras de um monge budista:

“A reencarnação é a ideia da existência de um espírito separado do corpo; com a morte do corpo esse mesmo espírito reassume uma outra forma material e segue evoluindo. O renascimento na concepção budista não é a transmigração de um espírito, de uma identidade substancial, mas a continuidade de um processo, um fluxo do devir, no qual vidas sucessivas estão conectadas umas às outras através de causas e condições. Esse processo ou fluxo não ocorre apenas com a morte, mas está presente constantemente nas nossas vidas. Nós estamos em constante mudança; cada momento nas nossas vidas surge na dependência do momento anterior, que deixou de existir. É como a correnteza de um rio, fluindo em mudança contínua, sem cessar. Não é possível entrar no mesmo rio duas vezes.

Para o Budismo, com a morte, a consciência, com todas as suas tendências, preferências, habilidades e características que foram desenvolvidas e condicionadas nesta vida, se re-estabelece no embrião. Dessa maneira, o ser cresce, nasce e desenvolve uma personalidade condicionada pelas características que foram trazidas da vida passada e pelo novo ambiente, além de outros fatores condicionantes como a hereditariedade, etc. Essa personalidade está sujeita a mudança e será modificada através do esforço consciente por fatores condicionantes tais como a educação, a influência dos pais e da sociedade, etc. Outra vez, com a morte, essa consciência irá se re-estabelecer num novo embrião. Esse processo de renascimento irá continuar até que as condições que o causarem persistam. Quando essas condições deixarem de existir, ao invés de renascer, a consciência alcançará um estado que é chamado nirvana, e esse é o objetivo último no Budismo. (...)

Imagine as ondas de rádio. As ondas de rádio não são compostas de palavras ou notas musicais, mas de energia em distintas frequências que são transmitidas através do espaço, e atraídas e capturadas por um receptor no

qual se manifestam como palavras e música. Algo similar ocorre com a consciência. Ao morrer, a energia mental cruza o espaço e se une ao esperma e o óvulo para formar o novo ser. O embrião e a consciência se desenvolvem através de uma relação de mútua dependência e influência.

Todas nossas ações passadas de corpo, fala e pensamento, todos os sentimentos, percepções, formações mentais, etc., que experienciamos, deixaram suas impressões em nosso subconsciente contínuo de vida. (...) Se na hora da morte, a pessoa ainda estiver envolvida com o processo da produção kármica de cobiça, apego e vir-a-ser, então essa força de apego (o **sankhara**) irá se manifestar em outra existência, em outro corpo com os órgãos do sentido. No momento da morte, a mente normalmente está atraída ao plano de existência o qual é de acordo com a personalidade expressa nos hábitos e tendências acumuladas (Rahula, Bhante Yogavacara. *Karma e Renascimento*. Cap. III, em *The Way to Peace and Happiness*, p. 82-83, Sri Lanka, Buddhist Cultural Centre, 1997, (Trad. Teresa A. Kerr). Disponível em: <http://www.casadedharma.org>).

O surgir e desaparecer rápido da consciência é apenas um dos aspectos do contínuo fluxo de mudança que caracteriza todo o cosmos. Para o Budismo este é o ponto central de constante meditação, e cuja evidencia nos abre o acesso à superação do nascer e morrer. Não se trata de hipóteses, mas de uma ciência experienciável por qualquer um. Em nossos dias, tende-se a aceitar ideias muitas vezes grosseiras, desde que venham com o rótulo de “científico”, sem que se avalie exatamente o que se quer dizer com uma “verdade científica”. Predomina em nossa época “a crença na ciência - o cientificismo”.

Na esteira do evolucionismo vieram a esperança nos discos voadores, nos seres extraterrestres, nas galáxias dos super-desenvolvidos. Em tudo isto, a ideologia do desenvolvimento, o inchaço do ego, da ambição a qualquer custo, da espiritualidade independente. “Bem-aventurados os pobres de espírito”, dizia Cristo. A “pobreza” está no compreender a insubstancialidade do ego, **anatta**, não-eu, e não se apegar na ilusão de que é esta entidade egóica com que nos identificamos como sendo “eu, meu” vai se realizar espiritualmente. Ademais, como a morte cobre com o véu do segredo o que realmente será a vida futura, seja que o prosseguimento se dê com o reaparecimento das tendências psíquicas neste plano ou em outros estados existenciais, seria mais prudente retermos a verdade central, a de que se há algum crescimento espiritual que leve à realização espiritual, ele está em buscarmos superar a visão incorreta de que os agregados do corpo, sensação, percepção, formações mentais e consciência são “meu eu”. Purificando a mente dos apegos e visões incorretas, através do cultivo das virtudes (fala correta, ação correta, modo de vida correto), da concentração (esforço correto, plena atenção correta e concentração correta) e sabedoria (visão correta, pensamento correto), alcança-se o estado do arahant, a realização de **Nibbana**, o Incondicionado, único refúgio seguro, o Imortal, aqui e agora.

Notas

(1) Sobre isso, ver:

Buddhadasa Bhikkhu - *Anatta e Renascimento*. São Paulo. Casa de Dharma, 1993 (para efeito de estudos).

Frei Boaventura Kloppenburg - *Espiritismo - Orientação para os católicos*. São Paulo: Ed.Loyola, 1986.

René Guénon - *L'Erreur Spirite*. Paris: Ed. Traditionelles, 1952.

Ricardo Sasaki - *O outro lado do Espiritualismo moderno - Para compreender a Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 1995.

(2) Sobre isso, ver:

Arthur Shaker F. Eid - *A questão do Evolucionismo. Considerações, em A Travessia da Vida e da Morte – Introdução a uma Antropologia Espiritual*. RJ, Gryphus, 2003.

(3) Sobre isso, ver:

René Guénon - *Les Etats Multiples de l'Etre*. Paris: Vega, 1980.

(4) Sobre isso, ver:

René Guénon - *Caractere synthétique de L' Integration*, cap. XXII, in *Les Principes du Calcul Infinitesimal*. Paris: Gallimard, 1946. (Excelente obra sobre os conceitos básicos da Matemática tradicional e os equívocos feitos pela Matemática moderna sobre os mesmos).